



GT 024. Antropologia, gênero e sexualidade em contextos educativos

Elisete Schwade (UFRN) - Coordenador/a, Fátima Weiss de Jesus (UFAM/DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA/PPGAS) - Coordenador/a

Esse GT tem como objetivo discutir gênero e sexualidade em práticas educativas, a partir de intervenções e pesquisas antropológicas realizadas nos últimos anos, no marco das políticas que fazem referência a diversidade, de acordo com as possibilidades previstas na Constituição de 1988 que, em 2018, completa 30 anos. Buscamos um balanço das diferentes situações em que as reflexões sobre gênero e sexualidade são acionadas em contextos educativos, também em perspectivas que incorporem outros marcadores sociais da diferença, tais como raça, classe, geração. Desse modo será possível perceber avanços e retrocessos, permanências e transformações, tendo em vista conflitos e dinâmicas próprias associadas às políticas de educação e suas repercussões em contextos particulares. Serão aceitos trabalhos realizados com o enfoque metodológico e analítico da antropologia, com ênfase na etnografia, realizados em escolas, na formação de professores, cursos de aperfeiçoamento e especialização, cursos vinculados a movimentos sociais e organizações coletivas, entre outros.

A escola como inferno, mas também como redenção: experiências LGBT em contextos escolares na cidade de Fortaleza.

Autoria: José Ricardo Marques Braga

A pesquisa que aqui delimito é oriunda de um empreendimento etnográfico em contextos escolares na cidade de Fortaleza, a partir de observação participante e entrevistas semi-estruturadas em três escolas públicas da capital cearense, localizadas em áreas consideradas periféricas. Tendo como objetivo compreender as vivências juvenis de gays, lésbicas, travestis e transexuais no espaço escolar onde se inserem, pode-se constatar, em consonância com Foucault (1984), como a escola é lugar central no controle, classificação e produção de corpos e de subjetividades, bem como locus de exclusão, constrangimento e invisibilização daqueles que estão fora das normas hegemônicas de gênero e sexualidade. Entretanto, podemos também observar que apesar de todas as marcas do sofrimento vivenciado por tais jovens e a sujeição a qual estão cotidianamente submetidos que há produção de linhas de fuga nesse ambiente (ANDRADE, 2012), através da formação de rede de sociabilidades entre os pares LGBT como forma de resistência, fortalecimento, empoderamento e dissidência. Ademais, apesar de a escola ser entendida pelo viés da negação, ausência de reconhecimento e espaço da injúria, insultos e agressões, ela é vista também como ambiente da redenção, uma vez que os jovens entendem que a partir dos processos educativos formais podem subir na vida, ser alguém e ter um lugar ao sol. Alguns jovens estudantes, assim, afirmam que a submissão às regras e normas escolares que negam suas existências é uma estratégia de resistência para manter-se na escola, utilizando-a como trampolim para alcançar destinos improváveis e beneficiar-se do respeito e dignidade, atributos garantidos apenas àqueles dentro da heterossexualidade e cisgeneridade. Outros, ao enfrentarem e se afirmarem explicitamente fora das normas dominantes da sexualidade, elaboram múltiplas formas de dissidência, buscando o reconhecimento através da visibilização das suas formas de ser e estar no mundo, não se assujeitando ao lugar que a escola lhe confere. Desta forma, percebe-se a heterogeneidade das maneiras de viver e experimentar os contextos escolares por parte dos jovens LGBT, pretendendo-se com este work contribuir para pensar as dinâmicas sociais engendradas pela escola no que concerne à diversidade sexual e de gênero.



Realização:



Apoio:



Organização:

